

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

LEIXIS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento semestral adiantado)

CONTINENTE	12\$00
COLONIAS	26\$00
ESTRANGEIRO	36\$00

Numero avulso—3\$50
DESPESAS A CARGO DO ASSINANTE

Director e administrador
Antonio Martins da Fonseca

Editor
Alberto Fernandes Leal

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
e TIPOGRAFIA

R. Santa Catarina, 502
PORTO—(Portugal)

2.º ano

Pôrto, 1 de Agosto de 1930

N.º 39



DR. J. A. SOUZA RODRIGUES

Pedem-me que eu trace o perfil do Doutor João Albino de Souza Rodrigues.

Pedido é este difficil de satisfazer.

O Doutor Souza Rodrigues tem vivido à luz clara do sol da sociedade a que pertence e em que a sua individualidade se tem formado; mas os seus dotes naturais, a sua cultura, a sua obra têm-se afirmado por modos tão diversos, que é fácil escapar à crítica qualquer faceta da sua nobre figura.

Foqemos, pois, ainda que com receio de deficiências, algumas das manifestações do seu incontestável valor:

O Doutor Souza Rodrigues e a Companhia de Crédito Predial são *ideias associadas*: Apontar uma corresponde, por assim dizer, a invocar a outra. Em momentos tormentosos para a existência da Companhia, assumiu o Doutor Souza Rodrigues o governo dela. Desquilibradas as finanças, ferido profundamente o crédito, foi preciso um homem de critério seguro e de braço firme para restaurar as finanças da grande empreza e para restabelecer o crédito, que, à face da lei orgânica, poderia parecer inabalável.

Esse critério e esse braço encontraram-se na pessoa do Doutor Souza Rodrigues.

A campanha foi árdua, por vezes cruel e capaz de fazer desalentar os mais corajosos. Por tal forma foi dirigida, porém, que, quando passados anos, a Companhia readquiria a sua antiga prosperidade, o seu crédito erguia-se, engrandecido e as suas

funções, a bem do país, acrescidas com novos e prometedores institutos, tais como o Mealheiro do Povo, o Fundo de Capitalização, etc., sem falar na construção do seu grande e belo edificio privativo, no centro de

Lisboa, e na aquisição de edificio próprio para a sua Delegação no Porto.

Podia parecer tal-tarefa bastante para absorver um cérebro e para dominar uma actividade, por mais productiva que ela fosse.

Não succedeu, porém, assim.

O Doutor Souza Rodrigues, a-pesar de forçado a trabalhar, a trabalhar a valer, no seu gabinete de governador da Companhia de Crédito Predial, não abandonou o seu gabinete de estudioso.

Revelou-se como publicista, na sua Memória àcêrca da História do Crédito Predial Português, obra recheada de informações históricas e de conceitos económicos.

Maior revelação do seu estudo, foi o discurso, que, sendo ainda sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, pronunciou numa das sessões comemorativas do Jubileu da Academia, em Dezembro de 1929, com o despretençioso mas sugestivo tema: « Alguns propósitos económicos ».

Nesse trabalho, feito com grande brilho literário, o Doutor Souza Rodrigues revelou-

se um economista e um filósofo, que acompanha de perto a marcha da Sciência, que conhece especialmente os métodos e os processos da Sciência Económica.

Produziu esse discurso a mais viva impressão no



DR. J. A. SOUZA RODRIGUES

espírito público; produziu-a dentro da Academia, que, passado pouco tempo, o elegia, com inteira justiça, seu sócio efectivo, passando a ser dos quarenta *imortais* da classe de Letras.

Se se *imortalisára*, se se marcára indelevelmente o seu nome, como restaurador e governador da Companhia de Crédito Predial, passou a ser não menos reverenciado esse nome, como economista brilhante, entre os mais brilhantes e sabedores.

Não receiamos que nos domine a amizade que, ha longos anos votamos ao Doutor Souza Rodrigues.

E não receiamos porque este ligeiro perfil não é

feito de palavras: é constituído de factos positivos, todos eles documentados, confirmativos de que a individualidade a que se referem bem merece a admiração e o respeito dos seus concidadãos.

Contra factos, não ha argumentos — bem diz o velho aforismo.

Convictos estamos, pois, de que ao perfil do Doutor Souza Rodrigues, por nós esboçado, não falta a Verdade; mas falta . . . *engenho e arte.*

Outubro, 1930.

Bento Carqueja.

AMIGOS DE "A VOZ DO COMERCIO"

Apresentaram novos assinantes os seguintes senhores, a quem, por isso, estamos profundamente gratos.

Em Março

Álvaro de Souza Sucena . . .	Aveiro
António Cabido	Silves
Francisco Guimarães	Pôrto
Gabriel R. de Freitas	Funchal
João A. Pinho	Estarreja
João Gonçalves	Cebolais de Cima
João Simões Vicente Ferreira	Leiria
Custódio Mourato	Guiné
Ilídio J. Alves de Oliveira . . .	Coimbra
Manuel Reis Sampaio	Trofa
Capitão Manuel de Oliveira . .	Vizeu
António Correia da Ponte . . .	Angra do Heroísmo
Alexandre A. R. Castro	Ponta Delgada
Júlio Silveira Martins	Pôrto
Arlindo de Oliveira	Granja

Em Abril

Francisco Guimarães	Pôrto
Júlio Silveira Martins	>
Domingos Screto Moniz	Reguengos de Monsaraz
Manuel Ramiro Fernandes . . .	Aveiro
Henrique Martins da Fonseca	Pôrto
Arlindo de Oliveira	Granja
Joaquim Fernandes dos Santos	Pôrto
Aníbal da Cunha Belo	Alcains
José Farmhouse	Lisboa
João Joaquim	Gois
Lúcio dos Santos Fonseca . . .	Pôrto
Mário Simões	>
José Henrique Pinto	>
Cândido Raposo	Faro
João Baptista da Conceição & C. ^a	Peniche

Frederico Victorino da Silva . .	Quelimane
Manuel do Sacramento	Vizeu
Manuel Francisco Paredes . . .	Vila Nova de Gaia
Albérico R. de Almeida	Avelãs de Caminho
Gabriel R. de Freitas	Funchal
Octávio A. Fernandes	Faro
J. Serra Matias	Paços de Brandão
Manuel Joaquim P. de Sá Fer- reira	Esmoriz

ESCLARECIMENTO

N. da R. Recebemos a seguinte carta, que publicamos, por que só por si esclarece suficientemente sobre o caso que a originou.

V. N. de Gaia, 11 de Maio de 1930.

Sendo do meu conhecimento que existe certa confusão a respeito das nossas pessoas, devido aos nossos sobrenomes serem homónimos, a qual convém desfazer, muito principalmente por causa dos nossos artigos publicados em «A Voz do Comercio», venho importunar V. Ex.^a, solicitando-lhe a fineza de publicar um esclarecimento naquele Quizenário, fazendo ver que nenhuns laços de parentesco nos unem e que ha apenas algumas semanas que por intermédio do nosso amigo Snr. Francisco Guimarães, tive o prazer de conhecer pessoalmente V. Ex.^a, nada mais existindo, a não ser a grande admiração que tributo a V. Ex.^a, pela sua tão bela e desinteressada iniciativa da fundação do nosso Jornal, acção esta que tanto mais é para louvar, quanto maior é o egoísmo na época que atravessamos.

Com os protestos da minha gratidão, creia-me com muita estima,

De V., etc.

Henrique Martins da Fonseca.

Visado pela Comissão de Censura

GUARDA-LIVROS

E

CONTABILISTAS

Contribui para o desenvolvimento de "A VOZ DO COMERCIO" divulgando-a e dando trabalho às suas oficinas tipográficas.

Resultará benefício comum e tanto maior quanto mais activamente vos interessardes.

SECÇÃO TÉCNICA

A nomeação dos peritos em contabilidade e a retribuição do seu trabalho

por EMILIO DE FIGUEIREDO

Expert-Comptable, Membro da S. C. de França, da S. A. C. da Bélgica, da A. I. C. de Bruxelas
e Primeiro Secretário do Instituto Brasileiro de Contadores de S. Paulo.

(CONTINUAÇÃO)

O seguinte factó comprova perfeitamente a asserção de Marques Leite.

Carlos de Carvalho, o tecnico capacissimo, cuja maior preocupação, nas suas obras magistraes, na cathreda de professor, nos seus artigos pela imprensa, nas suas conferencias, foi a elevação moral da nossa classe, a primeira vez — e, dizia-nos elle, a ultima! — que trabalhou em uma pericia judicial, foi multado porque, em um laudo, teve o desassombro, a coragem moral, de afirmar que, apenas pelos livros e documentos exhibidos, sem a apresentação de outras peças attinentes á questão em debate, não era possível, em sã consciencia e tecnicamente, dizer que taes contas estivessem exactas. Infelizmente para a contabilidade, encontrám-se, no forum, *tres notaveis contadores*, que dogmatica e categoricamente, asseveraram que tudo aquillo, independente de qualquer outra investigação, estava certissimo...

E' ainda um nosso collega dos saudosos bancos da antiga Escola Pratica de Commercio de São Paulo, ocupando hoje um brilhante logar na magistratura paulista, como juiz de direito, — o Dr. Deocleciano Rodrigues de Seixas, quem declara que a profissão de perito judicial está aviltada pelos que só veem a vida pelo prisma egoistico da materialidade, illudindo a justiça, confundindo a consciencia dos juizes, facilitando as quebras fraudulentas, as concordatas escandalosas, com desprestigio da nossa condição de povo honesto e civilisado.

De nada tem valido a força moral dada no forum por juizes da envergadura de Vicente de Carvalho (a cuja memoria gentil e sagrada, como um humilde preito de reconhecimento, com a singeleza que reveste a sinceridade, dirigimos estas pobres palavras), aos technicos de contabilidade em São Paulo. Ainda está na memoria de todos um factó que corrobora o que acabamos de dizer. Assumira o grande poeta e magistrado, uma vara commercial na capital de São Paulo, em 1913. Um dos escrivães de então levará-lhe uma lista com o nome dos que costumavam ser escolhidos para peritos. «*Guardé a sua lista, sr. escrivão, — respondeu-lhe aquelle saudoso juiz —, porque, nesta vara, só são escolhidos, para exames judiciaes, technicos de toda a idoneidade moral.*»

O mesmo criterio sempre foi adoptado pelo illustre sr. Dr. Sylvio de Campos, quando curador das Massas Fallidas. Quantas nomeações não requereu esse eminente jurista, para esclarecimento da verdade, ex-officio, entre doestos e soezes insultos de fallidos fraudulentos e de seus comparsas. Mas, se esses dois magistrados assim procediam (Vicente de Carvalho, no tempo de estudante, foi guarda-livros), é porque conheciam a sciência das contas e reconheciam — como disse algures Carlos de Carvalho —, que «a contabilidade dita preceitos, tem regras inflexiveis por meio das quaes se pode tornar effectiva a responsabilidade de quem quer que

movimente um patrimonio e esteja sob a sua severa inspecção, — severa quando a justiça não tem desconcertada a sua balança nem propositadamente tapa as suas vistas; ou como os cegos da peor especie têm olhos mas não vê, não vê as fraudes, não vê as culpas, não vê as dolosas machinações, ainda que todas ellas se apresentem em nitido destaque, com irrecusavel certeza alinhados em irrefragavel documento que ninguem discute.»

Ao lado dos aviltadores, dos enxovalhadores da profissão que, com sacrificio da justiça, com a intervenção da fraude e da chicana, diminuem o valor moral das decisões judiciaes (são ainda palavras do Dr. Rodrigues Seixas), apparecem, nos corredores do forum uma sucia de aventureiros, improvisados guarda-livros, muitos quasi analphabetos, a concorrem com profissionais honestos, preocupando-se apenas com o arbitramento dos salarios, que recebem muitas vezes para dividir com a parte que os apresentou para peritos!...

Esses factos degradantes não se dão apenas entre nós. Veem-se tambem no estrangeiro. E' o nosso prezado amigo e illustre confrade da Sociedade de Contabilidade de França, sr. G. Reymondin quem diz:

«On peut, sans calomnie, avancer que le recrutement des experts-comptables judiciaires n'est pas de nature á donner satisfaction au public et aux intéressés eux-mêmes. Au lieu d'une corporation homogène, on se trouve en présence d'une foule. «*Des hommes de valeur voisinent avec des personages plutôt discutables.*»
«De deus choses l'une: ou l'expert comptable judiciaire — qui n'est pas un jugé, mais un simple témoin — n'as pas besoin de posséder de connaissances (opinion d'un certain nombre d'experts qui doivent leur nomination au favoritisme, des autorités qui les momment et surtout des politiciens qui imposent de telles nominations), ou au contraire il «doit avoir un bagage technique (opinion qui relève du bon sens).»

O cargo de perito judicial, de fiscal de Banco ou de sociedade anonyma é, em geral, entre nós, entregue, quasi sempre, por protecção politica ou por conveniencia dos administradores dessas sociedades, a leigos em contabilidade. Urge, no interesse da justiça, da sociedade e, em especial, da classe dos guarda-livros que tal estado de cousas se modifique.

Os peritos em contabilidade, legalmente habilitados, com o tirocinio sufficiente, devem ter a preferencia para essas nomeações, bem como os auditores do Instituto Brasileiro de Contabilidade e do de Contadores Fiscaes, de São Paulo.

(Continua)

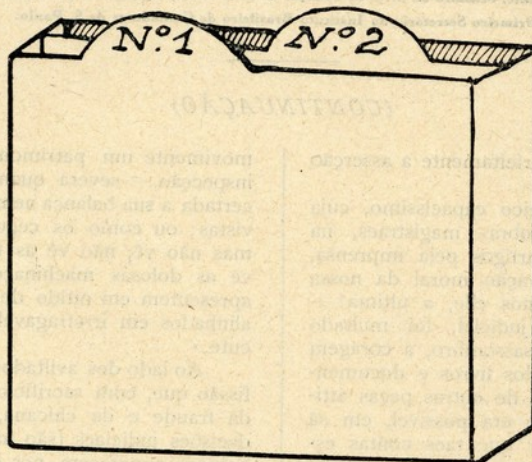
A correspondência comercial

Freqüentemente, ao contemplar-se a secretária de um chefe de escritório comercial, depara-se-nos uma *mare-magnum* de cartas comerciais espalhadas à tóa, numa desordem arripiante, cartas que foram atiradas para cima da mesa desordenadamente, após lidas.

Tal método, ou por outra, tal falta de método, só pode causar prejuizo. Uma vez ficam por responder cartas que deviam sê-lo urgentemente. Outras vezes deseja-se imediatamente uma determinada carta que, perdida e escondida no meio das outras, tarda a aparecer, fazendo-nos perder a paciência e o tempo, duas coisas tão necessárias nesta afanosa vida comercial moderna. E uma coisa também às vezes se dá: as cartas, assim espalhadas sôbre a mesa, podem dar ensejo a que um estranho, aproximando-se para falar conosco, possa, num relance de vista, inteirar-se de um assunto que só deve ser conhecido de nós.

Por estes motivos e outros que não citamos mas os leitores podem fãcilmente prevêr, torna-se necessário haver método, organização, neste particular caso da disposição da correspondência recebida e ainda a pedir expediente.

Vários sistemas ha aconselháveis; vamos porém citar um que pela sua simplicidade e modicidade de custo nos parece muito recomendável, se não o mais recomendável de todos.



Manda-se fazer uma caixa de madeira fina e leve, de cartão ou de folha, um pouco maior que o usual formato das cartas comerciais e do feitio do desenho que aqui damos. A madeira ou a folha de lata podem ser pintadas com qualquer tinta de laca, ou, tratando-se de cartão, será recoberto de papel de côr. A caixa tem,

como se vê, dois compartimentos. O primeiro tem o numero 1 e o segundo, o de traz, o numero 2. Ao receber-se a correspondência do correio, à medida que se vão lendo as cartas colocam-se no compartimento da frente, n.º 1, aquelas que exigem uma resposta imediata, inadiável; e no segundo cacifo colocam-se as que não exigem expediente rápido ou, pela sua natureza, esperem, para poderem ser respondidas, quaisquer informações ou investigações que se tenham de fazer.

Respondidas as cartas do cacifo número um, passam-se para êle as cartas do outro que tenham de ser res-

pondidas a seguir, e assim sucessivamente nos outros dias.

Esperamos que êste método seja aproveitado pelos nossos leitores que ainda não tenham um sistema usual para tal caso. E se algum dos prezados leitores achar que o método que usa é superior a êste, queira fazer o favor de no-lo comunicar, para o darmos a conhecer aos outros leitores...

Pelourinho das incompetências

Os casos que veem sendo publicados nesta secção demonstram quanto é prejudicial aos senhores comerciantes entregarem as suas escritas a indivíduos sem a devida competência dando sempre preferência aos que se ofereçam mais baratinho.

Aí vai mais um caso passado com um comerciante de Lisboa que pagava ao seu guarda-livros a miserável mensalidade de 30\$00.

Êste comerciante estabelecido com um armazem de miudezas tinha um sócio comanditário o qual desconhecendo toda a engrenagem comercial encarregou quem verificasse os balancetes.

Ora a escritura apresentava três contas abertas ao sócio gerente, sendo

Sócio Fulano c/ particular

Sócio Fulano c/ lucros

Sócio Fulano c/ suprimentos.

que sendo a conta particular devedora não compreendia que houvesse uma conta de suprimentos.

Isto foi o rastilho que incendiou a peça final que foi queimada no Tribunal do Comércio.

No exame feito à escritura foi ainda encontrada mais, uma conta no livro Devedores e Credores, aberta ao sócio gerente, facto êste de que os advogados se serviriam para demonstrar a má fé do sócio gerente.

Com imparcialidade, analisadas as contas, o caso não era tão feio como as aparências indicavam, sendo apenas devido à parvoice do guarda-livros que abria contas conforme as operações e assim a conta aberta nos Devedores e Credores era de fazendas que o sócio comprava à casa, a de suprimentos, referia-se a abonos quando o débito da Caixa era inferior ao crédito.

Conclusão: A casa foi liquidada e o sócio gerente enviado ao tribunal criminal.

Foi quanto êle ganhou com o guarda-livros baratinho.

Tantas contas causou má impressão muito mais

José Martins Pinhão.

JUROS SIMPLES

(Continuação)

EMPRÊGO DA TAXA FIXA 5%.

Este método é baseado sobre o seguinte princípio:
Para o mesmo capital e para o mesmo tempo o juro é directamente proporcional à taxa.

Aplicando-o à determinação do juro dum capital num certo número de dias a 7% depois de o termos calculado a 5%, notaremos que o juro a 7% será igual ao juro a 5% mais o juro a 2%; e, como 2 é $\frac{2}{5}$ ou $\frac{4}{10}$ de 5, o juro a 2% será $\frac{4}{10}$ do juro a 5%, e, portanto, a soma do juro a 5% com $\frac{4}{10}$ do mesmo juro, dar-nos hão o juro a 7%.

Donde a seguinte

Regra:

1.º Ahamos o número e dividimo-lo por 7.300 (determinação dos juros a 5%).

2.º Multiplicamos o juro achado por $\frac{1}{10}$ do dôbro da diferença das taxas.

3.º Conforme a taxa for maior ou menor que 5, assim juntamos ou subtraímos este último número do juro calculado a 5%.

EXEMPLOS

Taxa inteira e maior: Calcular o juro produzido pelo capital 34.500\$00 em 95 dias à taxa de 8%.

$$\begin{aligned} \text{Diferença das taxas} & 8 - 5 = 3 \\ \text{Dôbro desta diferença} & 2 \times 3 = 6 \\ \frac{1}{10} & \times 6 : 10 = 0,6 \end{aligned}$$

$$\begin{array}{r} \times 3450000 \\ \underline{95} \\ 1725 \\ 3105 \\ \hline 327750000 \end{array}$$

(Número)		(Divisor fixo)	
327750000		7300	$\left\{ \begin{array}{l} \text{multiplica-se por } 0,6 \\ \text{e escreve-se por baixo} \\ \text{para somar.} \end{array} \right.$
357	juro a 5%	448972	
655	" " 3%	269383,2	
710			
530	" " 8%	718355 (sôma)	
190			
44			

$$J = 718\$35,5$$

Taxa fraccionária e menor: Calcular o juro produzido pelo capital Esc. 5.400\$00 em 60 dias à taxa de $3\frac{3}{4}\%$.

Diferença das taxas:

$$5 - 3\frac{3}{4} = 5 - \frac{15}{4} = \frac{5}{4}$$

Dôbro desta diferença:

$$2 \times \frac{5}{4} = \frac{10}{4}$$

$\frac{1}{10}$ desta diferença:

$$\frac{10}{4} : 10 = \frac{10}{40} = \frac{1}{4}$$

$$\begin{array}{r} \times 5400000 \\ \underline{60} \\ 324000000 \\ 320 \text{ juro a } 5\% \quad 44383 \\ 280 \text{ " " } 1\frac{1}{4}\% \quad 11095 \\ 610 \\ 260 \text{ " " } 3\frac{3}{4}\% \quad 33288 \\ 41 \\ \hline J = 33\$28,8 \end{array}$$

$\left. \begin{array}{l} \text{multiplica-se por } \frac{1}{4} \text{ e} \\ \text{escreve-se por baixo} \\ \text{para subtrair.} \end{array} \right\}$

Taxa decimal e maior: Calcular o juro produzido pelo capital 3.600\$00 em 90 dias à taxa 6,65%.

Diferença das taxas:

$$6,65 - 5 = 1,65$$

Dôbro desta diferença:

$$2 \times 1,65 = 3,30$$

$\frac{1}{10}$ desta diferença:

$$3,3 : 10 = 0,33$$

$$\begin{array}{r} \times 360000 \\ \underline{90} \\ 324000000 \\ 320 \text{ juro a } 5\% \quad 44383 \\ 280 \text{ " " } 1,65\% \quad 14646 \\ 610 \\ 260 \text{ " " } 6,65\% \quad 59029 \\ 41 \\ \hline J = 59\$02,9 \end{array}$$

$\left. \begin{array}{l} \text{multiplica-se por } 0,33 \text{ e} \\ \text{escreve-se por baixo} \\ \text{para somar.} \end{array} \right\}$

Este último processo que acabamos de expor parece-nos o mais prático.

(Continua).

Valentim Júnior

Comercialista.

Aritmética Simplificada

DIVISIBILIDADE

Um número diz-se divisível por outro quando a divisão se faz exactamente, isto é, sem deixar resto. Ao divisor de um número também se costuma chamar *factor*, *submúltiplo* ou *parte alíquota* desse número. Assim, 2, 3, 4 e 6 são divisores, factores, submúltiplos ou partes alíquotas de 12, porque cada um destes números divide exactamente o número 12.

Os caracteres da divisibilidade dos números são certas indicações que os números apresentam e que nos permitem saber se um dado número é divisível ou não por outro número, sem termos necessidade de fazer a respectiva operação.

Por 2

É divisível por 2 todo o número que termina em zero ou algarismo par. Assim, 60 e 34 são divisíveis por 2.

Por 3

Será divisível por 3 todo o número que tirando-se-lhe os nove fora der de resultado 3 ou 6. Assim, 642 é divisível por 3.

Por 4

Todo o número cujos dois últimos algarismos da direita forem divisíveis por 4, será igualmente divisível por 4. Assim, 328 é divisível por 4, porque $4 \times 7 = 28$.

Por 5

Será divisível por 5 todo o número terminado em 0 ou 5.

Por 6

Todo o número que for divisível por 2 e por 3 será-lo também por 6.

Por 9

É divisível por 9 o número cujos algarismos, somados, der um número divisível por 9. Assim, o número 4356 é divisível por 9 porque a soma dos seus algarismos (18) também o é.

Por 10

Todo o número terminado em zero é divisível por 10.

Por 12

Todo o número divisível por 3 e por 4 é também divisível por 12. Assim, 636, que é divisível por 3 e por 4 é divisível por 12.

NOTA:— Não damos os caracteres de divisibilidade de outros números porque, além de mais difíceis de reconhecer, são menos usados. Os mais usados são os dos números 2, 3 e 5.

Simplificação por cancelamento

Pelo sistema de cancelamento podemos simplificar consideravelmente várias operações que envolvam multiplicação e divisão. Tem aqui aplicação os conhecimentos dos caracteres de divisibilidade.

Exemplos:

N.º 1 Multiplicar 5 por 200 e dividir o resultado por 40. Dispõem-se os algarismos em forma de quebrado:

$$\frac{5 \times 200}{40}$$

Corta-se um zero em cima e outro em baixo. Dividem-se por 4 o 20 e o 40 que ficam, o que dá: $\frac{5 \times 5}{1}$ o que é igual a 25.

N.º 2 Multiplicar 660 por 20 e dividir por 200. Escreve-se:

$$\frac{660 \times 20}{200}$$

Corta-se um zero em cima e outro em baixo; divide-se por 2 o 2 e o 20 que ficam, o que dá: $\frac{660 \times 1}{10}$ ou, suprimindo outro zero em ambos os termos do quebrado: 66.

N.º 3 Efectuar esta operação:

$$\frac{5 \times 100 \times 360}{8 \times 90}$$

Suprima-se o zero final de ambos os termos. Dividimos depois por 9 o 36 e o 9, o que dá:

$$\frac{5 \times 100 \times 4}{8 \times 1}$$

Divida-se em seguida por 4 o 4 e o 8:

$$\frac{5 \times 100}{2}$$

Divida-se finalmente por 2 o 100 e o 2:

$$5 \times 50 = 250$$

N.º 4 Efectuar a seguinte operação:

$$\frac{324 \times 240 \times 24}{180 \times 324}$$

Processos modernos, ideias antigas

Em contabilidade são conhecidos por processos modernos de contabilização, o sistema dos livros auxiliares, o sistema centralizador, o uso das fichas e o emprêgo das folhas móveis.

Dos processos modernos de contabilização aqui enumerados, podemos dizer no entanto que eles não representam ideias novas. O seu modernismo consiste nas modificações mais recentes que eles teem sofrido e na difusão da sua aplicação.

O uso dos *livros auxiliares* é de tôdos estes processos o mais antiquado pois que ele data de 1550 com *V. Menher* que a eles se refere.

Claude Boyer em 1641 descreve os livros de compras, de vendas e de caixa.

Em 1673, *Delaporte*, — Tradadista muito conhecido entre nós quando o sistema de partidas dobradas começou a ser conhecido dos nossos comerciantes (depois de 1759), — fala-nos de passagem directa dos auxiliares ao *Razão*.

Os livros auxiliares são a base do sistema centralizador de que vamos falar e em matéria judicial os livros auxiliares fazem em juizo tanta fé como os obrigatórios.

O *sistema centralizador* baseado na aplicação das contas colectivas, já definidas em 1817 por *Quiney*, e na pluralidade dos livros auxiliares, afastou da contabilidade o uso do *Borrão ou costancira* e do *Memorial*.

A centralização dos lançamentos oferece muitas vantagens sôbre os outros processos conhecidos (o do memorial, o dos livros auxiliares; etc.) e é actualmente muito usado nas empresas que utilizam os processos modernos de contabilização.

Desarnaud publicou em 1821 o primeiro método de escrita centralizadora.

Dois séculos, pois, são já passados sôbre a ideia da centralização de lançamentos considerado hoje o processo mais moderno de contabilização.

As *fôlhas móveis* applicadas á contabilidade moderna, teem o seu uso cada vez mais difundido, dadas as numerosas vantagens obtidas com a sua aplicação, principalmente a classificação metódica das contas.

Em 1817 já *Quiney* aconselhava o emprêgo de *fôlhas móveis*.

As *fichas* na escrituração de alguns livros auxiliares e de contas correntes são tambem muito usadas na contabilidade de muitas empresas.

O Emprêgo da ficha, foi primitivamente aconselhado nos fins do século XVIII (1784?), pelo abade *Rozier*, para uso das Bibliotecas.

Georges Bourgeand (1884) é considerado no entanto, como o primeiro propagandista de adaptação da ficha á contabilidade, muito embora em 1863 *Canderson* já propozesse a aplicação de fichas ao inventário contínuo.

A ficha, porém, está hoje tão difundida, no seu uso, que até fóra do campo da contabilidade é preconizado o seu emprêgo.

Como vemos, os processos modernos de contabilização nasceram todos de ideias antigas.

No entanto é numa melhor aplicação, que estes processos de organização contabilista acharam o seu modernismo.

A. Prista Thiago.

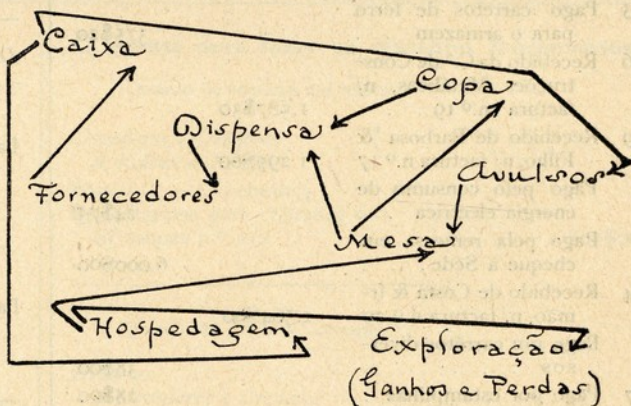
ESCRITA DE HOTEIS

A escrita de um hotel deve ter por base a sua dispensa e o registo de entradas e saídas dos seus hóspedes.

Para a rigorosa fiscalização é necessário que tudo transite pela dispensa para dali sair para as secções — por meio de requisições feitas pelo chefe da mesa e chefe da cosinha.

Devido à falta dêste principal elemento esteve um hotel durante muitos anos a ser roubado por um distribuidor de pão, que emendava as quantidades dos vales passados pelo gerente.

Segue o diagrama das contas.



José Martins Pinhão.

Suprimem-se primeiro os números 324 comuns em ambos os termos. Fica:

$$\frac{240 \times 24}{180}$$

Divide-se 180 e 24 por 6:

$$\frac{240 \times 4}{30}$$

Suprime-se o zero de cada termo:

$$\frac{24 \times 4}{3}$$

Divide-se por 3 o 24 e o 3, e dá:

$$\frac{8 \times 4}{1} = 32$$

(Continua).

C. G. C.

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

PROBLEMA N.º 17

A Sociedade Importadora de Ferro L.^{da}, tem uma sucursal em Lisboa, cujo movimento é todo escriturado na séde, em conta especial, para efeito de apuro de resultados. No fim do mez foi enviada à séde a cópia do movimento de caixa, que acusava o seguinte:

	DEVE	HAYER
Saldo do mez anterior	345\$60	
2 Recebido de Antonio Cruz, n/ factura n.º 18	1.368\$20	
Recebido por vendas a dinheiro	537\$70	
3 Recebido da Séde, s/ remessa em cheque	5.000\$00	
5 Pago aluguer do armazem		600\$00
Recebido de Carlos Dias & C. ^a , n/ factura n.º 23	947\$30	
6 Pago direitos de ferro na Alfandega		6.796\$40
10 Recebido por vendas a dinheiro	383\$90	
12 Recebido de A Mecânica L. ^{da} n/ factur n.º 21	2.146\$10	
13 Pago carretos de ferro para o armazem		375\$20
16 Recebido da C. ^a de Construções Metálicas, n/ factura n.º 19	1.587\$30	
19 Recebido de Barbosa & Filho, n/ factura n.º 17	1.295\$60	
Pago pelo consumo de energia electrica		24\$75
Pago pela remessa em cheque à Séde		6.000\$00
24 Recebido de Costa & Irmão, n/ factura n.º 20	2.364\$90	
Pago por carrêtos diversos		38\$00
27 Pago por estampilhas		28\$00
30 » ordenado ao empregado		800\$00
Pago ordenado ao moço		450\$00
Saldo para o mês seguinte		872\$25
	<u>15.976\$60</u>	<u>15.976\$60</u>

Pede-se os respectivos lançamentos na escrituração da Séde.

Porto, 1930

A. C. G. M.

SOLUÇÃO DO N.º 11

Lançamentos a fazer pela firma S. & P.:

Letras a Pagar

a Credores Gerais

Pela transferência do saldo daquela para esta conta. 235.000\$00

Diversos

a Perdas e Lucros

Capital

Saldo desta conta 15.000\$00

Fundo de Reserva

Idem 900\$00

Credores Gerais

Importe de 50 % do saldo desta conta, conforme o acôrdo feito com os credores 130.000\$00 145.900\$00

Caixa

a F. C/ Hipoteca

Recebido pela s/. entrega, conforme escritura desta data, pela qual lhe ficam hipotecados os valores do activo. 80.000\$00

Diversos

a Caixa

Juros e descontos

Pago a F. pelo importe do juro antecipado de um ano s/ 80.000\$00 a 8 %/o, conforme a escritura de hipoteca 6.400\$00

Credores Gerais

Pago pelo importe de 30 %/o dos s/ créditos, conforme o acôrdo. 78.000\$00 84.400\$00

Credores Gerais

a Letras a Pagar

Pelos n/ aceites n.º x/x, que representam 20 %/o dos créditos conforme o acôrdo com os credores 52.000\$00

NOTA. — Fiz os lançamentos conforme os dados do problema, mas devo observar que os respectivos valores do activo não são hipotecáveis.

Porto, 1930.

Arnaldo Moreira.

Concentração Industrial

A palavra indústria, no sentido restrito, designa a transformação da matéria prima em produtos úteis; e no sentido lato, o conjunto de operações que concorrem para a produção de riquezas.

Podemos dividir as diferentes indústrias em 5 grupos fundamentais:

1.º A *indústria extractiva*, que compreende a colheita dos frutos naturais, a caça, a pesca, a exploração dos bosques e dos pastos, as minas e pedreiras.

2.º A *indústria agrícola*, que trabalha para modificar a produção vegetal e animal.

3.º A *indústria manufactora*, que utiliza e transforma as matérias primas fornecidas pela indústria extractiva e agrícola.

4.º A *indústria comercial*, que tem por fim assegurar pela permuta, a partilha dos produtos creados em vista do consumo e de que o Banco é o complemento lógico.

5.º A *indústria dos transportes*, que assegura materialmente, o deslocamento das pessoas e das coisas e que aumenta a utilidade dos produtos aproximando-os de quem carece deles.

Todas as indústrias dependem umas das outras, e completando-se formam o ciclo completo da actividade económica.

A grande indústria opõe-se à pequena indústria. Aquela empregando grandes capitais, dispondo de maquinismos aperfeiçoados e podendo impulsar a divisão do trabalho, é especialmente qualificada para proseguirem as grandes empresas modernas.

A pequena indústria tem a sua função reduzida à indústria manufactora, mas tem ainda uma grande importância no comércio e sobretudo na agricultura, não parecendo, que tenda a desaparecer.

O desenvolvimento industrial em vista do aumento crescente do consumo e das conseqüências da livre concorrência, deu origem à adopção de diversas formas

atinentes a obter grande produção com o mínimo de dispêndio.

E' por isso que vemos ir desaparecendo a indústria doméstica e a pequena indústria, para dar lugar às grandes empresas.

Este fenómeno é o que se denomina *Concentração industrial*, que pode apresentar-se sob diversas formas:

Se diversos estabelecimentos industriais da mesma espécie e de pequena importância desaparecem, para dar lugar a um só e grande estabelecimento, dá-se a *concentração simples*.

Quando diversos estabelecimentos industriais tambem da mesma natureza continuam laborando isoladamente, mas se se reúnem sob uma só direcção, produz-se do mesmo modo a concentração industrial, mas que toma o nome de *integração horizontal*, nome que tambem é applicável ao caso de num grande estabelecimento de comércio se exercerem vários ramos.

Se várias indústrias conexas, laborando isoladamente, se reúnem sob uma só direcção e essas indústrias são complementares umas das outras, de tal forma que o prod. dum seja a matéria prima da outra, denomina-se *integração vertical*.

Um outro caso importante para o desenvolvimento da indústria, seria a sua *localização*, isto é, ela exercer-se sòmente nas localidades ou países economicamente propícios ao seu desenvolvimento. Porém esta forma só poderá trazer resultados verdadeiramente benéficos, quando desaparecerem as fronteiras fiscaes, isto é, sob o regime de puro livre-cambismo, o que praticamente se pode considerar irrealisável, pois que a tendência actual é a da formação de nações normais, isto é, que produzem tudo o que lhes seja necessário, o que implica a indispensável existência do proteccionismo.

Roble.

SOLUÇÃO DO N.º 12

O Banco deve fazer os seguintes lançamentos:

(A' recepção das letras)

Letras à Cobrança

a *Devedores e Credores* — c/ cobrança

Fulano

S/ remessa para cobrança, n/
n.º x/x 1.800\$00

(Quando cobradas)

Caixa

a *Letras à Cobrança*

Pela cobrança dos n/ n.º x/x 1.800\$00

Devedores e Credores — c/cobrança

a *Diversos*

Fulano

a *Depósitos à ordem*

Fulano

Pelo líquido da cobrança de
s/ endosses, n/ n.º x/x 1.782\$00

a *Perdas e Lucros*

Pela comissão de cobrança dos
n/ n.º x/x 18\$00 1.800\$00

O cliente deve fazer os seguintes lançamentos:

(Quando da remessa das letras)

Devedores e Credores

a *Letras a Receber*

Banco C. — c/ cobrança

Pela remessa para cobrança dos
n/ saques n.º x/x 1.800\$00

(Quando do aviso de cobrança)

Diversos

a *Devedores e Credores*

a Banco C. — c/ cobrança

Depósitos à Ordem

Banco C.

Pelo produto líquido da cobrança
dos n/ saques n.º x/x 1.782\$00

Juros e Descontos

Pelo prémio da cobrança dos
n/ saques n.º x/x 18\$00 1.800\$00

Matosinhos, 1930.

António Melo.

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(CONTINUAÇÃO)

Observação

NOSSA CONTA SUA CONTA

N/C

S/C

Como se vê dos exemplos formulados, as operações effectuam-se entre dois bancos.

Seja, para particularisar a questão, os negocios effectuados entre o Mercantil e Industrial de S. Paulo e o Crédit Parisien.

As operações na contabilidade do Mercantil serão registadas conforme as explicações que vamos fazer.

O Mercantil effectua com o Crédit duas especies de transacções, isto é, trabalha por conta do Crédit, e por sua propria conta.

Dahi, duas contas diferentes: Crédit Parisien — *sua conta*, — Crédit Parisien — *nossa conta*.

Nos negocios feitos por conta do Crédit, são as respectivas importancias levadas ao Crédit Parisien — *sua conta*.

Esta conta será creditada no recebimento, pelo valor dos titulos enviados pelo Crédit e por todas as importancias que por sua conta, a *caixa* receber.

A mesma conta será debitada pelos cheques e cartas de credito emittidos pelo Crédit; pelos pagamentos feitos a terceiros por sua conta; por cambias compradas tambem por sua conta e pelas commissões e juros relativos a taes operações.

O Crédit por outro lado, encarrega-se das operações ordenadas pelo Mercantil.

Trabalhando, então, por conta deste, as operações serão pelo Mercantil escripturadas sob — Crédit Parisien — *nossa conta*.

Será esta conta debitada pelas importancias que o Crédit receber por conta do Mercantil e creditada pelo valor das ordens de pagamento e saques emittidos por este e tambem pelas commissões e juros relativos aos recebimentos, pagamentos e cobranças de conta do Mercantil.

Estas contas são escripturadas em réis e em francos.

Por isso, o quadro demonstrativo do respectivo movimento terá as seguintes columnas: uma para o debito em francos; uma para o debito em réis; uma para o credito em francos; uma para o credito em réis; uma dupla para os saldos correspondentes em moeda corrente e em francos.

Na occasião do inventario converte-se em réis, ao cambio do dia, o saldo em francos, e compara-se o valor dessa conversão com o saldo em réis, já existente.

A diferença é debitada ou creditada, conforme o caso, à conta denominada — *Diferença de cambio*, de modo a regularisar, ao dito cambio, os dois saldos.

CRÉDIT n/c

DEVE

HAVER

	DEVE		HAVER	
	FR.	M/C	FR.	M/C
	2740 00	1 720 000	8220 00	6 410 000
	308 00	216 000	400 00	2 280 000
Diff. de cambio.		296 400		
Saldo	5572 00	4 457 600		
	8620 00	6 690 000	8620 00	6 690 000
			5572 00	4 457 600

Demonstração:

No debito figuram 3048; no credito 8620 frs.

» » » 1:936\$; » » 6:690\$.

O saldo credor em francos é: 8620 — 3048 — 5572.

» » » réis é: 6:690\$000 — 1:936\$000 = 4:754\$000.

Estando o cambio na data do inventario a 800 réis, o valor de fr. 5572 é igual a $5572 \times 800 = 4:457\$600$. De modo que, o saldo credor nessa data, convertidos os francos a 800 réis, é menor do que o saldo resultante das diversas operações effectuadas, e como o seu valor effectivo precisa ficar demonstrado, a diferença que o reduz a esse valor, é debitada á c/ do Crédit.

Temos então: Saldo antigo 4:754\$000

Resultado da conversão. 4:457\$600

Diferença debitada 296\$400

(Continua)

Horacio Berlinck.

Contabilidade aplicada ás companhias de seguros

Continuação

Quando o segurado morre e o beneficiario recebe a importancia do seguro, o lançamento é este:

Sinistros á Caixa

Pago ao beneficiario da apolice n...

*
*

No vencimento das apolices dos seguros mixtos organisa-se esta partida:

Seguro mixto a Seguros vencidos

Valor da apolice n... hoje vencida

Effectuando-se o pagamento, faz-se:

Seguros Vencidos á Caixa

Pagamento da apolice n.

Cumpra ter presente que a regular transferencia do valor das apolices vencidas deve ser rigorosamente observada para que a situação da companhia não seja perturbada pela distribuição de falso lucro.

De facto, pelo mecanismo das contas de categorias (contas de função mixta) é a seu credito que figuram as relativas Reservas, e como estas representam uma provisào pertencente aos segurados sobreviventes, desde que se não compute no debito das contas a parte que se deve pagar aos segurados, ellas encontrar-se-ão com um valor *passivo* transformado em lucro do exercicio.

A transferencia referida se impõe, ainda, porque os Seguros vencidos são aquelles cuja indemnisação se tornou exigível por não se haver verificado a condição de facto de que a obrigação do pagamento dessa indemnisação dependia.

*
*

Desde que o segurado caucione a apolice do seguro e receba da companhia a importancia do adiantamento, a operação será escripturada assim:

Emprestimos sobre apolices á Caixa

Pago a X, adiantamento sobre a apolice n...

As apolices recebidas em caução tem um registo especial e no registo geral faz-se, a respeito, uma annotação.

*
*

Supponhamos que o segurado Y rescinde a sua apolice e recebe o liquido demonstrado na conta de liquidação.

Importancia da Rescisão	3.917\$600
Desconto de 15 %/o.	517\$600

Liquido que o segurado recebe	3.330\$000
---	------------

Para a contabilidade são organisadas tres fixas: a da *Rescisão*; a do *Desconto* e a do *Cancellamento* da apolice.

Os lançamentos relativos á liquidação são os seguintes:

Rescisões á Caixa

Pago a Y, v/ da rescisão de sua apolice mixta n.	3.917\$600
--	------------

Caixa a Juros e redditos diversos

Recebido de Y, desconto da rescisão	587\$600
---	----------

A companhia recebe de um individuo de 50 annos a quantia de 48.726\$000 (premio unico), e paga-lhe a renda vitalicia annual de 3.600\$000.

O censuista ou mutuante recebe uma apolice da companhia e esta, no Diario, faz os seguintes lançamentos:

a) Caixa a Rendas Vitalicias immediatas

Recebido de... e emissão da apolice n.	48.726\$000
--	-------------

No vencimento da primeira renda, o censuista comparece e recebe da companhia a relativa importancia:

b) Rendas vitalicias immed. á Caixa

Renda vencida da apolice n.	3.600\$000
-------------------------------------	------------

Para completar este desenvolvimento em que estão escripturadas varias operações que as companhias de seguros de vida praticam, trataremos da elaboração da conta de Lucros e Perdas e do Balanço.

Pelo que antes relatámos ficou bem patente que as receitas das companhias de seguros comprehendem os premios das apolices, unicos e annuaes, os juros e redditos diversos dos seus capitaes empregados em titulos mobiliarios, em emprestimos e em propriedades immoveis; e que as suas despesas comportam a importancia dos sinistros, das rendas vitalicias, temporarias, ou outras, e das commissões e differentes gastos.

Estes elementos são todos, como sabemos, classificados e distribuidos pelas contas que delles fazem uma racional demonstração, indicadora das obrigações da empresa e da posição do seu actual patrimonio.

Mas como se torna necessaria a concentração de taes elementos, a conta de Lucros e Perdas mediante varios lançamentos previos, vac encarregar-se de effectivá-la.

Concluido este trabalho essencial, apparece o balanço com seu aspecto definitivo.

Nesta conformidade, teremos as seguintes partidas :

31 de Dezembro

**Juros e redditos diversos
a Fundo de accumulção**

De 4 % s/ o saldo do Fundo em 31/12

**Juros e redditos diversos
a Diversos**

De 4 % calculados s/ parcelas das seguintes contas:

a Seguro mixto, c/ part.
a Seguro vitalicio, c/ part.
a Seguro vitalicio limitado, c/ part.

**Sinistros
a Sinistros a pagar**

Sinistros verificados neste exercicio que não foram pagos até esta data \$

**Commissões a amortizar
a Commissões**

Commissões despendidas que devem ser amortizadas em varios exercicios \$

**Premios
a Diversos**

Premios que se transferem para as contas a que os mesmos pertencem :

a Seguro mixto, com part.
a Seguro vitalicio, c/ part.
a Seguro vitalicio limitado, c/ part.
a Seguro a prazo fixo, c/ part.
a Seguro mixto, sem part.
a Seguro vitalicio, sem part.
a Seguro vit. lim., sem part.
a Seguro a prazo fixo, sem part.

**Diversos
a Premios**

Valor dos premios de reseguos deste exercicio :

Seguro mixto, c/ part.
Seguro mixto, sem part.
Seguro vitalicio, c/ part.

**Diversos
a Sinistros**

Valor dos sinistros verificados e liquidados neste exercicio que se transfere desta para as seguintes contas afim de regularisá-las:

Seguro mixto c/ part. \$
Seguro vitalicio c/ part. \$
Seguro vitalicio sem part. \$

**Sinistros
a Diversos**

Valor dos reseguos sinistrados e liquidados neste exercicio :

a Seguro vitalicio s/ part.
a Seguro mixto c/ part.

**Diversos
a Commissões**

Distribuição das quotas pertencentes ás seguintes contas :

Seguros mixtos c/ part.
Seguros vitalicios c/ part.
Seguro vitalicio sem part.

**Seguros mixtos, sem part.
a Rescisões**

Valor das rescisões liquidadas neste exercicio.

No fim do anno, depois de ter o actuario da companhia concluido os calculos das Reservas, estas são escripturadas do seguinte modo :

**Diversos
a Reservas technicas**

Valor das Reservas dos contractos em vigor e do anno hoje terminado :

Seguro mixto c/ part. \$
Seguro mixto sem part. \$
Seguro vitalicio c/ part. \$
Etc.

Agora que estão lançadas as Reservas dos diversos contractos de seguros, trataremos das que pertencem ás Rendas.

Como sabemos a conta de Rendas vitalicias é creditada pelos premios recebidos e debitada pelos pagamentos das annuidades.

Sendo taes annuidades uma das obrigações permanentes da companhia, o valor que ellas representam é debitado na data do balanço á conta de Rendas vitalicias para regularisá-la e creditado á Reserva respectiva.

Ora, como no lançamento que fizemos, o capital é de 48.726\$000 e relativo a um censuista de 50 annos, a reserva do seu contracto no fim do primeiro anno, quando elle tiver 51, será, exactamente, o premio unico nesta idade.

Teremos, pois,

**Rendas vitalicias imm.
a Reversas de Rendas vitalicias**

Valor da reserva destinada ao pagamento das rendas futuras . . . 47.534\$400

No começo do novo exercicio são organisados lançamentos de transposição, de modo que as contas de Reserva ficam encerradas, reabrindo-se as de categoria,

Cálculo de facturas estrangeiras

Dada a factura que segue e a conta do despachante, procede-se do seguinte modo:

- 1.º — Faz-se a pesagem dos productos.
- 2.º — Passa-se ao livro de cálculo a factura escrevendo-se na primeira columna os pesos parciais dos artigos, cuja soma deve ser igual ao peso indicado na conta do despachante.
- 3.º — Multiplica-se o peso pelos direitos correspondentes a cada quilograma e escreve-se o producto na columna *Direitos*.
- 4.º — Descrevem-se os artigos, quantidades, preço e importâncias.
- 5.º — Ao valor da factura 4.193\$00 adiciona-se as despesas da conta do despachante, menos os direitos 91\$20, que dá 4.284\$20, que se divide pelo total dos francos, obtendo-se o câmbio \$91,153.
- 6.º — Escreve-se o câmbio achado na columna *Câmbios* e faz-se a multiplicação por cada grupo de artigos escrevendo-se o producto na columna *Custo da mercadoria sem direitos*.
- 7.º — Na columna *Totais* escreve-se a soma do custo com os direitos.

A soma dos *totais* deve ser igual à importância da Factura 4.193\$00 adicionada à conta do despachante 891\$20 = 5.084\$20.
Resta achar o custo de cada franco.

FACTURA

50 frascos de essência de terebentina	Frs.	40	Frs.	2.000
50 > > > limão	>	30	>	1.500
20 > > > rosa	>	60	>	1.200
				4.700

Despesas

Caixotes	Frs.	12	
Frete	>	52	
Seguro, etc.	>	28	92

ao câmbio \$87,5 Esc. 4.193\$00

Frs. 4.792

Conta do despachante

Peso 80 kilogs. direitos das essências	800\$00
Selos, adicionais, etc.	41\$20
Agência.	50\$00

Esc. . . . 881\$20

CÁLCULO DE FACTURAS ESTRANGEIRAS

Pesos	Direitos	ARTIGOS	Quantidades	Preços	Importâncias	Câmbios	Custo da mercadoria sem direitos	Direitos	Totais	Divisão por artigo	Preço para venda
32	10\$00	Essência de terebentina	50	40	2.000	\$91,153	1.823\$06	320\$00	2.143\$06	63.22	
30	>	> > limão	50	30	1.500	>	1.367\$30	300\$00	1.667\$30	55.58	
18	>	> > rosa	20	60	1.200	>	1.093\$84	180\$00	1.273\$84	63.69	
					4.700		4.284\$20	800\$00	5.084\$20		
		Valor da factura			4.193\$00						
		Selos, adicionais, etc.			41\$20						
		Agência.			50\$00						
					4.284\$20						
		Valor da Factura.							4.193\$00		
		Conta do despachante.							891\$20		
									5.084\$20		

José Martins Pinhão.

que apparecem, nessa mesma época, com o saldo credor representado, então, pelas correlativas Reservas.

Os lançamentos, por conseguinte, em 2 de Janeiro, inicio do exercício, são os seguintes:

Reservas technicas

a Diversos

Transposição das reservas de 31 de Dezembro de 19 . . .

a Seguro mixto c/ part.

a Seguro mixto s/ part.

a Seguro vitalício c/ part.

Etc.

Reservas de Rendas vitalicias a Rendas Vitalicias imm.

Transposição da reserva de 31 de Dezembro de . . .

Vemos, assim, que as contas de categorias iniciam-se com as Reservas calculadas no fim do anno anterior.

Continuando sempre e regularmente as operações da companhia, apparecem no fim do novo periodo, isto é, em 31 de Dezembro, as novas Reservas cujo registo na contabilidade será feito do mesmo modo.

Como as rendas são vitalicias, differidas, ou temporarias, a forma dos lançamentos será sempre igual, divergindo tão somente, a denominação das contas.

(Continua).

Do meu livro «Tratado de Seguros»

Horacio Berlinck.

SECÇÃO LITERÁRIA, ARTÍSTICA, MORAL E CIENTÍFICA

Os mais sábios não são os que mais estudaram, serão os que mais lerem e aprenderem; proporcionar sã leitura, é, pois abrir caminho para o templo da Sabedoria, que é o da ventura.

M.me Girard.

A Abóbada Celeste

(CONTINUAÇÃO)

Vamos agora entrar na parte mais intrincada deste artigo; porisso, aqueles leitores que não tiverem paciência para seguir esta digressão pelos espaços siderais e pelos meandros da metafísica ou seja a Filosofia Primeira, a sciência dos primeiros princípios e das causas primárias, queiram passar adiante, a leitura mais proveitosa.

Existe o espaço com aquela curvatura que a nossa vista observa? Ou não existe, e trata-se dum espaço vazio? Não será nada essa abóbada celeste tão linda que em dias claros encanta os nossos olhos? Não será realmente nada, no sentido empregado pelos relativistas?

Ah, os relativistas! Alguns leitores que se dêem ao trabalho de *digerir* esta mal notada prosa podem não saber o que são os relativistas e é necessário esclarecê-los, visto que este artigo, como outros que aqui tem saído e sairão pretendem ser artigos de vulgarização científica.

Recuemos no tempo vinte e quatro séculos e vamos à velha Grécia, à cidade de Abdere, situada na Thrácia (a Thrácia forma hoje a Bulgária e a Roumélia) que se tornou célebre pela estupidez dos seus habitantes, e encontramos aí — entre os estúpidos — o sábio Protágoras, sofista eminente; êle nos dirá alguma coisa sobre o relativismo pois Protágoras é considerado o pai dele.

Certos filosofos têm a opinião de que existe a relatividade do conhecimento, e chamam a isso o Relativismo. Esta doutrina da relatividade do conhecimento vai encontrar-se na antiguidade e é porisso que fomos até à velha Grécia desencontar o sofista Protágoras que ensinava: «O homem é a medida de todas as coisas; daquelas que existem pela maneira como existem e daquelas que não existem pela maneira como não existem.»

Disse um pensador que isto era a consequência extrema do sensualismo jónio, ou seja o sistema filosófico originário da Jónia, segundo o qual as ideias derivam das sensações. Bacon ensinou no século XVI que a verdade deve ser comprovada pelos sentidos.

Mais modernamente essa doutrina da relatividade do conhecimento apresenta duas formas principais: O relativismo crítico ou subjectivo e o relativismo objectivo. Kant, o célebre filósofo alemão do século XVIII cuja escola filosófica tem o nome de Criticismo, e que tentou reformar o conjunto dos nossos conhecimentos, é quem fornece a expressão do relativismo crítico, quando diz que nós não podemos conhecer as coisas *absolutamente*, isto é, tais quais elas são em elas mesmas. Não as podemos conhecer senão pelas impressões que elas produzem sobre nós. Acrescenta que não só a conformidade das coisas com as suas representações é impossível de verificar mas também o próprio espírito intervem nas representações pelas formas que êle lhes impõe.

Quanto ao relativismo objectivo, é ponto assente que êle sustenta: não que o conhecimento é relativo à faculdade de conhecer mas que nós não podemos conhecer senão o relativo, isto é, que nenhum absoluto pode ser o *objecto* do conhecimento.

E' um filósofo chamado Hamilton que o perfilha, declarando que a ideia do absoluto é logicamente impossível e contraditória em si; é ainda o positivismo de Augusto Comte que ensina a impossibilidade de conhecer as causas primárias e os fins últimos das coisas. Spencer com o seu evolucionismo combina as ideias de Hamilton e as de Comte com uma espécie de metafísica que é ao mesmo tempo experimental e panteista!

Ora, se a Protágoras ficamos devendo o enunciado acima transcrito, a outro filósofo não menos ilustre ficamos devendo uma observação que merece ser aqui registada por se relacionar com a nossa exposição de hoje. Refiro-me ao grande Aristóteles que veio ao mundo um século depois de Protágoras, e grego como êle.

Será útil lembrar aqui que estes dois sábios tiveram um papel preponderante no seu país porque além dos seus trabalhos científicos que os notabilizaram, foram educadores de dois ilustres imperadores, chamemos-lhes assim, que se immortalizaram pela obra grandiosa que levaram a efeito. Um deles, Péricles que foi o notável reformador de Atenas, era um orador eloquente e dotado dum caracter austero; governou tão sábiamente o seu país, que a prosperidade de Atenas aumentou estimulada pela sua administração modelar. Protegeu o comércio, a industria e animou a navegação, engrandecendo o porto Pireu; occupou-se da vida intellectual e artistica da Grécia e levou a cabo um grandioso plano administrativo que ficou célebre nos annos da história helénica. Deixou fama o célebre e florescente século de Péricles! Pois um dos seus educadores foi Protágoras.

O outro, Alexandre Magno, rei da Macedónia, guerreiro notável que fez uma obra proficua, assaz importante e benéfica para a humanidade, pela penetração que assegurou entre as civilizações helénica e asiática, segundo resa a história. Teve como educador a Aristóteles!

Esta pequena digressão histórica, pode parecer a alguém, não terá vindo aqui muito a talho de foice; mas é preciso não esquecer que estes artigos são, ou pretendem ser, de vulgarização.

Tratemos agora da observação de Aristóteles que se acha contida no principio da sua *Metafísica*. Essa observação diz respeito ao desejo natural que o homem sente de saber, à curiosidade inata que, quando satisfeita, originou o conhecimento em virtude do qual a natureza das coisas pôde ser atingida! E o conhecimento esclarecido, o esforço da reflexão foi mais alem e originou o conhecimento reflexo, ou seja — a Sciência!

E assim é que Littré, filósofo francês da escola positivista fundada por Augusto Comte, e que viu a luz do dia nos começos do século XIX, definiu a Sciência: E' um grupo de conhecimentos certos, gerais e metódicos que dizem respeito a um objecto determinado.

Mas a sciência é vasta e aquilo que no principio era apenas uma sciência com pretensões a explicar a universalidade das coisas, não podia ficar eternamente circunscrita nas acanhadas barreiras dentro das quais se encontrava. O espirito humano através das gerações foi reconhecendo que não lhe era possível duma só vez investigar tudo aquilo que a sua curiosidade lhe impunha e pouco a pouco foi dilatando as raias do saber, não podendo ainda prever-se onde ficariam localizados os seus limites definitivos! Deste modo a sciência tinha fatalmente de sub-dividir-se em vários ramos das sciências diferentes, sub-divisão tão útil como necessária para o espirito.

A primeira a destacar-se do conjunto dos conhecimentos foi a dos números e das grandezas — a Matemática; a seguir coube a vez à Física; depois à Química, à Biologia, à Fisiologia, à Psicologia, etc.

E o problema do conhecimento, segundo o filósofo alemão Kant, não estava ainda posto. Dizia êle que queria introduzir na filosofia uma revolução idéntica àquela que Copérnico (não Coperaico como saiu no número anterior por erro tipográfico) introduziu em astronomia. Como se sabe, antes dele supunha-se que o Sol era que girava à volta da Terra, e Copérnico demonstrou, com as mesmas aparências, que é a Terra que gira à volta do Sol. E Kant acrescenta: «Até aqui acreditou-se que a intelligência se regulava pelas coisas; vamos supor agora o contrario, i. e. que as coisas se regulam pela nossa intelligência, pelo menos quanto ao conhecimento que temos delas.»

O nosso conhecimento, diz um pensador, admite em síntese dois elementos: a matéria e a forma. A matéria pelos sentidos; a forma pelo trabalho do espirito.

Kant com o seu criticismo exerceu um papel preponderante no movimento filosófico dos modernos tempos que não só o pessimismo de Schopenhauer, cujas teorias sobre a vontade

ficaram célebres, mas também o idealismo subjectivo de Fichte, que foi seu discípulo, e o idealismo objectivo de Hegel, com tendências panteístas, tem uma ligação com esse movimento duma maneira bastante apreciável.

Kant ensinava que só conhecíamos o fenómeno das coisas ou dos seres. «O ser em si (*Das Ding an sich*, na sua língua) o *nómeno* escapa à nossa intelligência absolutamente».

Mas em França o movimento filosófico teve também uma certa importância e encontrou em Charles Renouvier, pensador profundo do século XIX, o orientador seguro que creou o neo-

-criticismo que tinha em vista corrigir as teses fundamentais de Kant. Tal foi a influência d'esse filósofo que as élites intellectuaes d'esse século não puderam fugir a essa influência, pois são com poucas excepções neo-criticistas.

Havia ainda bastante que dizer sobre este assunto mas não desejo tornar-me maçador e oxalá que eu consiga o meu fim. Depois desta divagação occorre perguntar: — E a abóbada celeste? — A abóbada celeste... *suivra au prochain numero.*

(Continua.)

Braz Porto.

AMOR E ÓDIO

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristóteles, são onze; mas todas elas se reduzem a duas capitais: amor e ódio. E estes dois affectos cegos são os dois pólos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Eles são os que pesam os merecimentos, eles os que qualificam as acções, eles os que avaliam as prendas, eles os que repartem as fortunas; eles são os que enfeitam ou descompõem, eles os que fazem ou aniquilam, eles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substância, sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o demonio é formoso;

se com ódio o anjo é feio; se com amor o pigmeu é gigante; se com ódio o gigante é pigmeu; se com amor, o que não é tem ser; se com ódio, o que tem ser, e é bem que seja, não é nem será jámais. Por isso se vêem com perpétuo clamor de justiça os indignos levantados e as dignidades abatidas, os talentos ociosos e as incapacidades com mando, a ignorância graduada e a sciência sem honra; a fraqueza com bastão e o valor posto a um canto; o vicio sobre as altares e a virtude sem culto; os milagres acusados e os milagrosos réus. Póde haver maior violência da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perda da república? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos: cegos quando se fecham, e cegos quando se abrem; cegos quando amam, e cegos quando aborrecem; cegos quando aprovam, e cegos quando condenam; cegos quando não vêem, e, quando vêem, muitos mais cegos.

P. Antonio Vieira.

NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

THEATRO SÁ DA BANDEIRA — Companhia José Climaco

A revista constitue um género de teatro em decadência não só entre nós, como lá fóra, desde que se formaram companhias unicamente para o explorar, em vez de succeder como dantes, em que as empresas montavam somente uma cada época.

Eram então as clássicas revistas do ano, com o seu comadre e comadre, atravessando toda a peça, intercalando nos casos e episódios representados o seu comentário trocista e galhofeiro, e beliscando as caricaturas dos tipos que num dado momento do ano tiveram a sua notoriedade.

Foram mestres da revista em Portugal, Eduardo Schwalback, Sousa Bastos, Sá-d'Albergaria e poucos mais. Ela era então a farça, a ironia, a *blague*, constituindo um pitu habilmente cosinhado, com a dose necessária de sal e pimenta.

Em Paris, as revistas dispoem de lindas mulheres, passaram a sêr espectáculos que encantam os olhos, pela magnificência dos scenários e deslumbramento dos guarda-roupas, tomando o pomposo nome de *féeries*.

A evolução da revista em Portugal segue o mesmo caminho, mas de longe e guardando respeitáveis distancias. Faz-se idêntica mistura de coisas declamadas, cantadas e dançadas; no entanto, não se tira todo o partido possível da adopção do figurino francês, ou por falta de gosto, ou por falta de dinheiro, ou ainda por falta dessa matéria prima que são as mulheres formosas, desenvoltas e atraentes, sabendo dizer com intenção e pisar o palco, não ignorando o valor da mimica e a força de expressão que ela contém, quando aproveitada habilmente.

As nossas coristas na sua maioria não tem nenhuma preparação, não frequentaram qualquer Conservatório e algumas, ainda ha pouco trocaram a vassoura e o abano, pelas elegantes *badines* de alta fantasia do *costumier* Castelo Branco.

Assim torna-se difficil aos ensaiadores conseguirem que aquelas raparigas nas suas marchas e contra-marchas percam o ar funéreo que geralmente as caracteriza, por não comprehendem os intuitos dos autores da peça, nem tampouco a letra que cantarolam materialmente.

No dia em que o género teatral, para cujo exito se torna preciso o concurso dos côros e bailados femeninos, dispoem de raparigas que não desconheçam o valor da elegancia *raffinée*, da boa expressão fonômica e da esfuziante alegria, esse género reconquistará o terreno perdido entre nós.

A companhia José Climaco reúne um grupo de artistas muito apreciável e de assegurados créditos junto das plateias do teatro ligeiro.

Debutou nesta cidade com as «Rosas de Portugal», revista vasada nos antigos moldes que fizeram a sua época, mas que não obstante são sempre os preferidos pelo nosso Público.

E para prova do que afirmo, bastava vêr-se o entusiasmo

da galeria no final do 1.º acto, quando da apoteóse *Rosas de Portugal*, em que se teatraliza o milagre do pão e das rosas, attribuido à Rainha Santa Isabel. Eguamente o quadro Pão de Cristo, em que sobressai a figura do Nazareno que vai levar um pouco de conforto a um tugúrio humilde onde não ha lume nem pão, faz vibrar intensamente as camadas populares.

No fundo da nossa gente ha uma certa dose de sentimentalismo e de amor á Tradição, inteiramente refractários a toda a propagação, por mais materialista e sceptica que ela seja.

Fez-me pena presenciar a triste scena que certos espectadores dos *fauteils*, bem engravatados e enlucados, não se pejam de proporcionar aos *simples* da galeria, pateando o referido quadro numa lamentavel manifestação de ignorancia e soez incivilidade.

Não comprehendiam esses illustres imbecis, que o teatro no seu mais nobre sentido, consiste na reconstituição á luz da ribalta de scenas da vida real, lendas, episódios históricos, etc., não se preocupando os autores dramáticos com as ideias politicas ou religiosas dos espectadores, que só deverão apreciar os seus trabalhos pelo lado artistico.

Então não se apresentou aí, ha bem pouco tempo ainda «O Martir do Calvário, comprehendendo toda a vida e paixão de Cristo, e por acaso algum espectador pelo facto de não sêr crente, se permitiu patear a peça?

Emfim manifestações contristadoras de pouca cultura e nenhuma educação.

* *

Presentemente acha-se em scena a revista «Terra de Cantigas», que está escrita com certa litteratura, dote hoje bem raro naquelles que escrevem para o teatro. Tem lindos versos a que não é estranho o dedo do illustre poeta Silva Tavares.

A música quasi toda coordenada é leve, ouvindo-se com agrado e a montagem é simples, mas vistosa. Marcações conhecidas.

Côros com falta de sonoridade e um pouco incertos. Orquestra atenta, sob a direcção proficiente de Vasco Macedo.

O desempenho é optimo por parte de todos os artistas, salientando-se: Margarida Ferreira, que faz ouvir a sua fresca e harmoniosa voz em belas canções impregnadas de lusitanismo; Elisa Correia, cheia de distincção e *charme*; Deolinda Macedo, *dizendo* admiravelmente e representando com intuição; Sofia Santos, a eccellente característica de sempre; Soares Correia, o artista que procura fazer rir através de tudo; Joaquim Prata vincando a nota do pitoresco; Adolfo Sampaio, o cómico que não exagera e se sabe caracterisar a preceito; etc.

«Terra de Cantigas» attendendo ao seu sabor popular, é peça para se manter largo tempo no cartaz do nosso sempre preferido Sá da Bandeira.

CONVÉM a quem deseje estudar contabilidade:

A TODOS os estudantes de comércio;

Aos professores de ensino comercial;

A TODOS os empregados no comércio e muito especialmente aos guarda-livros;

Aos comerciantes, etc.

AVOZ DO COMÉRCIO

QUINZENÁRIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

Visa principalmente a formação da melhor capacidade técnica, literária e moral, necessárias para se ser verdadeiro guarda-livros moderno, e a defesa profissional



No género não se publica melhor em Portugal.

É vendido pelo custo, porque o principal objectivo é defender e auxiliar a Classe.

Só se vende por assinatura.

Os assinantes têm direito a consultas jurídicas grátis sobre assuntos de comércio.

SUMÁRIO: Dr. J. A. Souza Rodrigues, por Bento Carqueja, pag. 233.— A nomeação dos peritos em contabilidade e a retribuição do seu trabalho (Continuação), por Emílio de Figueiredo, pag. 235.— A correspondência comercial, pag. 236.— Pelourinho das incompetências, por José Martins Pinhão, pag. 236.— Juros simples, por Valentim Júnior, pag. 237.— Aritmética simplificada, por C. G. C., pag. 238.— Processos

modernos, ideias antigas, por A. Prista Thiago, pag. 239.— Escrita de Hotéis, por José Martins Pinhão, pag. 239.— Problemas, pag. 240.— Concentração Industrial, por Roble, pag. 241.— Monografia—Contabilidade bancária, por Horacio Berlinck, pag. 242.— Contabilidade aplicada às companhias de seguros, por Horacio Berlinck, pag. 243.— Cálculo de facturas estrangeiras, por José Martins Pinhão, pag. 245.— Secção literaria, artistica, moral e scientifica, pag. 246 e 247.

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

Empreza ANTONIO CASTRO

**COMPANHIA
de revistas e férias
JOSÉ CLIMACO**

DE QUE FAZEM PARTE OS ILUSTRES ARTISTAS

Margarida Ferreira — Deolinda Macedo
Sofia Santos — Soares Correia
Joaquim Prata — Adolfo Sampaio

BAILARINOS

Jin & Williora

MAGNIFICO CONJUNTO ARTISTICO

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1034

Empreza Artística, Limitada

Esplendoroso Music-Hall
O melhor recinto de diversões do País
Luxuoso salão de Festas

CINEMA E VARIEDADES

Grande orquestra sob a direcção do insigne violinista
RENÉ BOHET

CONCERTOS SINFÓNICOS

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vous da sociedade elegante portuense

SOIRÉES CHICS

As mais belas e deslumbrantes produções do

Cinema Falado e Cantado

FILMES ESCOLHIDOS

JORNAL SONORO METROTONE

Programas variados

Matinées às Quintas e Domingos

Olympia

Telefone, 533

CINEMA MUDO

As melhores produções da arte do silêncio musicadas pelo ilustre compositor

Fernando Carriedo

que dirige uma esplendida orquestra.

Programas organizados por Raul Lopes Freire
Sessões da Moda às Segundas-feiras
A BILHETEIRA ABRE Á 1 HORA DA TARDE

ESPECTACULOS

E DIVERSÕES

Telefone, 2619

Águia d'Ouro

**O cinema sonoro mais
luxuoso do Pôrto**

Aparelhos de reprodução **Western-Electric**
precisamente iguais em marca e volume
de som aos do Cinema *Paramount* de Paris

FILMES DE ALTA CLASSE SINCRONISADOS

Matinées elegantes

Às Quintas-feiras, Sábados e Domingos

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor ALFREDO CALDEIRA

Palacio de Cristal

Telefone, 89

O cinema mais barato do Pôrto

na NAVE CENTRAL e no GIL VICENTE

às terças, quintas e domingos

Chás Dansantes

no «dancing» do Restaurant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias às 19 horas

VISITEM O **AVIARIO**

com as suas novas colecções de cães de raça
e pássaros exóticos

Odeon "Cine-Teatro"

Empreza A. DA SILVA MARTA—Telefone, 4850

R. Pinto Bessa (ângulo da Rua Nova da Lomba)

CINEMA MUDO

SUPER-PRODUÇÕES

CINE-FARÇAS

DESENHOS ANIMADOS' REVISTAS MUNDIAIS

DOCUMENTARIOS

FITAS POLICIAIS

MAGNIFICA ORQUESTRA

Preços populares